



## Cenário hospitalar multilíngue e multicultural: identidade e diferença em construção

Silvia Helena Freitas Alencar<sup>1</sup>

Mestranda em Letras PPGL/UFRR/Bolsista da CAPES (DS)

**Resumo:** Roraima delinea um panorama linguístico-cultural fascinante: tem-se, aqui, o encontro de culturas interregional e internacional. Como é um estado fronteiriço a dois países: República Bolivariana da Venezuela e República Cooperativista da Guiana e composto por áreas indígenas, sua capital torna-se um campo de fenômenos linguísticos e sociais de caráter investigativo. Em sua capital Boa Vista, esse contato pluricultural pode ser visualizado em diversos contextos como escola, praças, centros comerciais e hospitais. É nesse último que versa este trabalho, pois muitos serviços de saúde em Boa Vista são partilhados pela população dos países vizinhos e comunidades indígenas. O objetivo do trabalho é problematizar a construção de identidades em situações pluriculturais, bem como as tramas suscitadas pela interação estabelecida nesse espaço. A priori, desejo contextualizar tal ambiente, situando-o nas práticas interacionais, na construção dos significados intrínsecos à linguagem e compreendê-los como resultado de um processo que implica negociação, embate e poder. A análise acontece sob o viés da Linguística Aplicada a partir de uma vinheta coletada no espaço hospitalar, revelando que o contato pluricultural possibilita uma discussão sobre a relação identidade e diferença.

**Palavras-chave:** identidade, diferença, contato pluricultural.

**Abstract:** Roraima outlines a fascinating cultural-linguistic landscape: there is here, the meeting of interregional and international cultures. How is a state bordered by two countries: the Bolivarian Republic of Venezuela and the Cooperative Republic of Guyana and also composed by indigenous areas, the capital becomes a field of linguistic and social phenomena investigative character. In its capital, Boa Vista, this pluricultural contact can be viewed in different contexts such as schools, parks, trade centers and hospitals. It is this latter which deals with this work, because many health services in Boa Vista are shared by the population of neighboring countries and indigenous communities. The study aims to discuss the construction of identities in pluricultural situations, as well as raised plots by the interaction established in that space. A priori, I wish to contextualize such environment, standing in the interactional practices, in the construction of meaning which are intrinsic to the language and understand them as a result of a process that involves negotiation, struggle and power. The analysis takes place under the bias of Applied Linguistics from one vignette collected in a hospital, revealing that the pluricultural contact provides a discussion of the relationship between identity and difference.

**Keywords:** identity, difference, pluricultural contact.

---

<sup>1</sup> silviahalencar@hotmail.com



## **1. Introdução**

O panorama linguístico e cultural de Roraima é intenso e desafiador. É um estado que apresenta a tríplice fronteira: República Bolivariana da Venezuela/Brasil/República Cooperativista da Guiana e, ainda, é composto por áreas indígenas. Em sua capital, Boa Vista, é possível perceber contatos linguísticos e culturais em diversos contextos tornando-se, assim, um campo de fenômenos linguísticos e sociais de caráter instigante.

Além desse aspecto de fronteira, Roraima ressalta outra peculiaridade: sua população é marcada por intensos fluxos migratórios. Conforme dados do Censo 2010, o número de imigrantes em Roraima é em torno de 51%<sup>i</sup>.

Ao estar inserida nesse cenário diverso, sinto-me motivada a analisar as práticas linguísticas e a constituição identitária em contextos pluriculturais, bem como as tramas suscitadas por tais práticas em um ambiente multilíngue.

Para tanto, parto da ideia de que os sujeitos, ao consolidarem suas práticas linguísticas, permitem externalizar o que pensam, o que sentem, o que acreditam. Afinal, como afirma Moita Lopes (2002, p.15) “a linguagem não nos representa simplesmente, mas nos constrói”.

Partindo dessa premissa, destaco que a questão da identidade tem se tornado um aspecto incansável de discussão no meio social, uma vez que as mudanças políticas, econômicas, tecnológicas, culturais e outras têm afetado a vida dos sujeitos pós-modernos. Todavia, é necessário tratá-la sob um olhar reflexivo, sem julgamentos, com o propósito de problematizá-la e gerar situações de debate e de visibilidades.

Dessa maneira, situei a questão nas interações verbais, mais precisamente em uma vinheta construída de uma fala coletada em um espaço denominado quarto de acolhimento de um hospital materno público de Boa Vista/RR, no qual convivem mulheres de perfil linguístico e cultural diferente.

Neste artigo pretendo discutir, sob o viés da Linguística Aplicada, a relação identidade e diferença situando-a nas práticas interacionais e na construção dos significados intrínsecos à linguagem.

## **2. A linguagem como um guia para a construção identitária**



A linguagem como prática social e discursiva nos remete aos momentos de ressignificação, rupturas e produção de sentidos, pois a forma como falamos de nós mesmos, dos outros e com os outros, representa e fortalece os nossos processos identitários, exaltando, como destaca Hall (2006), a principal característica do sujeito sócio-histórico culturalmente constituído: um ser possuidor de uma identidade com “celebração móvel”.

Essa idiossincrasia aponta as formas pelas quais somos representados e faz emergir o chamado jogo das identidades. No trânsito veiculado na e pela linguagem do “eu” com o “outro” surgem as produções de sentido, incidem as percepções que os sujeitos têm de si mesmos e de suas relações com os outros. Na verdade o “eu” se constitui pela linguagem sempre na interação com o “outro”.

A linguagem, nesse contexto, excede a sua conceituada finalidade de comunicar; de transmitir ideias. A linguagem manifesta-se como um jogo de posicionamentos com nossos interlocutores, sendo ou não intencional. É, em sua funcionalidade social, um meio de “internalizar o exterior e externalizar o interior”<sup>iii</sup> conforme as intenções dos sujeitos. Como prática linguística, não pode ser compreendida fora da situação social que a produz; ela não existe isoladamente.

Nesse sentido Orlandi (2000, p. 21) afirma que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos”. Compreendo, com base nessa ideia, que as práticas linguísticas nas quais atuamos são heterogêneas; estão em constante fluxo. Fluxos que se concretizam nos discursos produzidos socialmente.

O campo da linguagem, expresso por Orlandi, reflete a produção simbólica e linguística dos sujeitos envolvidos interacionalmente, ou seja, estamos em constante intercâmbio com o outro e nesse processo contínuo, a linguagem é o elemento que age na construção dos sentidos, das identidades e das diferenças.

É como afirma Freitas (2007, p. 109): “só nos debruçando sobre situações reais de uso da linguagem, onde os atores envolvidos são contextualizados sócio-historicamente, poderemos compreender como se dá esse processo”.

Aponto, partindo da afirmação, que as situações reais de uso da linguagem são estruturadas nas falas produzidas no cotidiano, tornando o sujeito um ser de linguagem. Um ser que se constrói nos enunciados, nas vinhetas, nas atitudes, nas intenções linguísticas. Na



verdade, este agir comunicativo pressupõe sujeitos articuladores de mundos subjetivo e social, nos quais se constituem, se trocam e se fazem circular sentidos, plenos de valores.

Além disso, o agir comunicativo fortalece a compreensão da relação constitutiva entre identidade e diferença e o entendimento de que o homem é um ser que se constrói por meio da linguagem. É exatamente o que focaliza as discussões teóricas desse artigo: a relação entre identidade e diferença analisada em uma vinheta construída a partir de uma fala coletada e registrada no diário de campo entre mulheres que viveram e conviveram por meses em um ambiente hospitalar multilíngue e pluricultural.

E por considerar a natureza dialógica de nossas ações, entendo que a vinheta nos convida a não ver mais as identidades como fixas, imutáveis, mas flexíveis em que a linguagem traceja os caminhos para o processo de constituição identitária dos sujeitos.

### 3. A relação identidade e diferença em contextos multilíngues e pluriculturais

Para refletir sobre o processo de construção de identidades é necessário, primeiramente, assumir o sujeito analisado como um sujeito contemporâneo, formado e transformado constantemente nos sistemas sócio-culturais envolvidos.

Considero o termo sujeito tomando a ideia de Morin (1996) ao aclamá-lo como um indivíduo fundado em dois princípios intrínsecos: o da exclusão e o da inclusão. Este se apóia na construção de um “eu” como elemento único, ímpar: é a concretização da individualidade e da subjetividade. Por outro lado, a exclusão implica a inclusão, pois o “eu” só existe quando se relaciona a outro, ou seja, o ser humano - dotado de linguagem e cultura - institui-se a si mesmo e ao outro. O “eu” isolado, individual, não existe, porque o eu e o outro, ao interagirem, se complementam, se adicionam substancialmente e é nessa ação de troca, de busca a uma totalidade com o outro que o ser humano pode exercer a sua liberdade, a sua capacidade de escolha.

Dessa maneira, entendo o sujeito não apenas o “eu”, mas a sua relação com o “outro”. Relação que se efetiva por meio da diferença e das singularidades. Com isso, os contextos pluriculturais realçam situações de encontros e desencontros dos sujeitos, instituem



a fronteira do humano<sup>iii</sup> e o processo de construção de identidades a partir da sua relação com a diferença.

Discuto, dessa forma, a ideia de pluriculturalismo, sustentando-a nas palavras de Bernardes (2004, p. 13):

Percebo como *pluriculturalismo* isso: a compreensão da *cultura* não mais a partir do único, mas do diverso, não mais a partir do homogêneo, mas do heterogêneo, não mais a partir do singular, mas do plural. Compreensão a partir do efêmero, do diverso, do fluido, do instável, do cambiante. Não cabe mais falar em cultura, mas em muitas. Culturas que se interconectam, que se influenciam que trocam, enfim muitos processos compondo esse caleidoscópico mosaico, que define nosso cotidiano atual.

Nesse contexto, a linguagem é o elemento mediador das relações entre a cultura e a identidade. Como sujeitos de cultura e dotados de linguagens, podemos repensar o passado, questionar o presente, refletir e ressignificar o futuro. Podemos, ainda, rever nossos conhecimentos e práticas analisando o ser humano como aquele que se constitui ao longo de sua própria vida, mediante suas ações linguísticas e culturais, em interação constante com outros, inseridos também em uma cultura e em uma língua.

Em outros termos, os sujeitos, ao interagirem com significados e símbolos culturais e linguísticos diferentes dos seus, vão delineando suas subjetividades, construindo referências, visões de mundo, modos de ser e de expressar-se.

Ao fazer essa exposição, quero destacar a ideia de cultura como uma trama de significados, tendo como elemento essencial de tessitura, a linguagem. Ela permite que os sujeitos construam representações das próprias vidas e de suas relações com os outros. Isso porque os sujeitos, em suas práticas linguísticas e culturais, apresentam traços específicos de si e dos outros, ou seja, é capaz de revelar o comportamento social do grupo a que pertence.

#### 4. Quarto de acolhimento: espaço público hospitalar multilíngue e pluricultural

De acordo com Houaiss (2008, p.11) *acolher* significa dar ou obter refúgio, proteção ou conforto físico; hospedar; abrigar. Essa acepção é aditada a um espaço, mais precisamente a um quarto de um hospital público de Boa Vista/RR. Em contrapartida, é um lugar que não é o destino esperado pelas mulheres que entram no hospital para ter seus filhos, uma vez que nele alojada a mãe sabe que a saúde do bebê é instável.



Estruturalmente, o quarto de acolhimento é um espaço climatizado de aproximadamente 25 m<sup>2</sup>, com onze camas, pequenas mesas, com TV e banheiro interno. Nele são hospedadas as parturientes cujos bebês tiveram alguma complicação durante ou após o parto e precisam ficar internados na UTI neonatal. O quarto fica na mesma ala da UTI para facilitar o contato, a qualquer momento, da mãe com o filho.

Considero-o multilíngue e pluricultural por se tratar de um espaço partilhado por mulheres procedentes das cidades de Santa Elena de Uairen, na República Bolivariana da Venezuela, Lethem, na República Cooperativista da Guiana, das comunidades indígenas, de Boa Vista e de outros municípios do estado.

Para destacar tal especificidade do quarto de acolhimento, só no primeiro semestre de 2010 o número de parturientes estrangeiras aumentou em 50%<sup>iv</sup>. Outro aspecto relevante é o caráter transitório das mulheres que nele vivem, uma vez que o período de estada depende da recuperação do bebê.

Dentro desse cenário, problematizo a relação intrínseca entre identidade e diferença já que é composto por mulheres de perfil linguístico e cultural diversificado, mais ainda, ressalto a necessidade de procurar entender como os sujeitos percebem a si e aos outros em um espaço de pluralidade; em um espaço, que por ser transitório e pluricultural, é qualitativamente diferente. Vejo-o como o lugar da ação e da linguagem no qual as pessoas realizam sua capacidade de falar, agir e experienciar uma diversidade de perspectivas. Além disso, o contato linguístico e cultural no quarto de acolhimento revela e ressignifica os sujeitos.

Nessa perspectiva, ao caracterizá-lo como multilíngue tomo as ideias de Cox e Assis-Perterson (2007, p. 41) ao destacarem que “quando falamos de multilinguismo, acentuamos que as línguas são muitas, linguisticamente diferentes, mas igualmente estruturadas, porém desiguais nos limites de uma sociedade”. Ora, no período em que se procedeu a pesquisa, o quarto de acolhimento era composto por onze mulheres: duas estrangeiras (uma guianense; uma venezuelana); nove brasileiras (sete de Boa Vista; duas indígenas – etnia Wapichana<sup>v</sup> e etnia Wamiri-Atroari<sup>vi</sup>).

Por fazer parte desse contexto diverso, sinto-me motivada a analisar a relação identidade e diferença em situações pluriculturais, bem como as tramas suscitadas em um ambiente multilíngue.

Para tanto, compreendendo a ideia de pluralidade fundamentando-a em Mohanty (1989 apud WOODWARD, 2009, p.27) quando afirma que





A pluralidade é, pois, um ideal político tanto quanto um *slogan* metodológico. Mas há uma questão incômoda que precisa ser resolvida. Como podemos negociar entre minha história e a sua? Como seria possível para nós recuperar aquilo que temos em comum, não o mito humanista dos atributos humanos que partilharíamos e que supostamente nos distinguiriam dos animais, mas, de forma mais importante, a intersecção de nossos vários passados e nossos vários presentes, as inevitáveis relações entre significados partilhados e significados contestados, entre valores e recursos materiais? É preciso afirmar nossas densas peculiaridades, nossas diferenças vividas e imaginadas. Mas podemos nos permitir deixar de examinar a questão de como nossas diferenças estão entrelaçadas e, na verdade, hierarquicamente organizadas? Podemos nós, em outras palavras, realmente nos permitir ter histórias inteiramente diferentes, podemos nos conceber como vivendo – e tendo vivido – em espaços inteiramente heterogêneos e separados?

As indagações postas na citação delineiam um sujeito contemporâneo, cindido, dinâmico, que se constrói em espaços sócio-históricos e culturais. Espaços que projetam a relação identidade e diferença limitando-a, muitas vezes, a um aspecto de diversidade e olhando-a de forma homogênea, naturalizada, cristalizada.

Sob tal perspectiva, a posição “politicamente correta” é a de respeito e tolerância diante da diferença. Sendo assim, acrescento outra indagação nesse processo: diante de espaços pluriculturais, como o quarto de acolhimento, as questões de identidade e diferença se limitam apenas a um posicionamento liberal?

Essa inquietação leva-me a refletir sobre o fato de que se reconhecemos e respeitamos as singularidades de cada cultura e língua inseridas em uma sociedade não podemos ocultar o fato de que as diferenças existentes em cada uma delas são atravessadas por valores sociais, ou seja, o outro com o qual me relaciono. E esse discurso alheio também é atravessado e valorado socialmente de maneira diferenciada. Por isso, ao destacar o aspecto pluricultural de um espaço hospitalar existente em Boa Vista/RR é necessário apresentar as implicações políticas de conceitos como identidade, cultura, diferença, alteridade.

O conceito de identidade no qual este artigo se ancora é “relacional e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica a outras identidades...” (WOODWARD, 2009, p. 14). Entendo-a, dessa forma, como um processo que implica em reconhecimento da alteridade, ou seja, é na relação com o outro que me identifico como não-outro (HALL, 1992; GIDDENS, 1995; SILVA, 1999). Acrescento ainda, que a construção identitária processa-se nas práticas sociais,



uma vez que o sujeito torna-se consciente de si mesmo no processo de tornar-se consciente dos outros.

Isso significa assumir como pressuposto epistemológico o fato de que o sujeito é um ser de linguagem compreendendo que a constituição das identidades realiza-se pelas e nas práticas linguísticas. O que aqui chamo de práticas linguísticas considera o uso da linguagem em condições sociais específicas e representa o lugar sócio-histórico de produção, de circulação de sentidos e processos identitários, uma vez que nelas se concretizam também as práticas sociais.

Relaciono essa definição à seguinte situação vivenciada no quarto de acolhimento: maio de 2009, cheguei à maternidade às 13h40min, momento em que o almoço estava sendo servido. Percebi que o quarto possuía mais uma hóspede – uma indígena da comunidade Waimiri-Atroari. Uma funcionária da cozinha entregou a comida em embalagens descartáveis: havia arroz, feijão, carne, maionese e farofa. Em um determinado momento, ouvi de uma parturiente não-indígena o seguinte comentário: “Olha só a indígena, ela só tá comendo a carne e a farofa. Também é só o que ela conhece. É só o que ela come lá na maloca<sup>vii</sup> dela.”

Detenho-me, partindo dessa fala, a discutir que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença.” (WOODWARD, 2009, p.39). O comentário em relação ao que a indígena come enfatiza, pois, que a identidade não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Identidade e diferença marcam a unicidade do sujeito numa sociedade múltipla. A relação do “ela” e do “eu”, do “lá” e do “aqui” apresenta a intensidade do contato cultural e a (re) construção identitária pela diferença, isto é, no processo das interações, a constituição e a expressão dos seus elementos se veem conduzidas a novos deslocamentos a partir da perspectiva do encontro.

Acredito que seja na percepção do “outro” que o “eu” se percebe; se encontra; se limita e se estende. É na concretização de nossas práticas linguísticas que surgem os fenômenos sociais; é no encontro e/ou no desencontro com o outro que os sujeitos se constroem.

Ressalto, ainda, que a forma como as culturas marcam fronteiras e apresentam as diferenças são aspectos essenciais para a compreensão das identidades: “A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções...” (ibidem, p. 41). O reconhecimento dessa relação remete a um conceito de identidade onde o idêntico, o igual





não se encaixam. Ao contrário, a noção de identidade situa-se no campo da diversidade, do movimento, da alteridade e da diferença.

A recusa da indígena por outros alimentos, que possivelmente tenha classificado como “não-comestíveis”, pode estar fundamentada em outro processo de distinção: “Na verdade, se considerarmos as coisas que, por uma razão ou outra, nós não comemos, talvez a afirmação mais exata seja a de que somos o que não comemos.” (ibidem, p. 43).

Com base nesse princípio, o alimento tem papel essencial na construção de identidade, isto é, a identidade pode ser construída pela combinação imprevisível do que classificamos como “comestível” e “não-comestível”.

Nesse sentido, a vinheta também ressalta que no processo identitário do sujeito há um movimento próprio da alteridade que transforma a realidade a partir da condição das diferenças. Nas diferenças encontra-se o incentivo à descoberta de novas formas de interação entre os sujeitos.

É o que diz Cuche (2002, p. 182) “A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros com os quais está em contato.” A identidade, partindo dessa concepção, tem relação direta com a alteridade, que significa distinção; o outro que é distinto.

Com base nessa afirmação, aponto que indígenas e não-indígenas, em preferências alimentares, figuram os traços distintivos e singularizantes. Demonstram que o processo identitário de um sujeito não está em listar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar uma diferença cultural.

A diferença passa a ser, nessa visão, uma característica comum à espécie humana. O outro é aquele que eu não sou. Essa noção enriquece um contexto pluricultural. Um contexto que é transformado e movimentado no desenrolar da diversidade; que reconhece a diferença como parte de sua composição; como algo em movimento, percebendo o outro e não o excluindo de seus principais processos.

É exatamente o que desejo problematizar neste artigo sobre a situação vivenciada no quarto de acolhimento: a diferença como marca da heterogeneidade, da diversidade, do pluriculturalismo. Ainda, a configuração de políticas de identidade que não se limitem a solenizar a identidade e a diferença, mas que busquem problematizá-las em contextos multilíngues e pluriculturais.



## 5. Considerações finais

Gostaria de completar essas reflexões sobre a relação *identidade e diferença*, destacando que esta última pode ser vista negativamente por meio da exclusão. Por outro lado, ela pode ser exaltada como fonte de pluralidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista, portanto, como condição para a riqueza de expressões humanas.

Desta forma, o sujeito percorre por uma coletividade que está fora dele e que, ao mesmo tempo, o constitui como sujeito, tornando-se parte dele. A identidade, nessa transitoriedade, tanto expressa a individualidade humana como também demonstra a relação do ser social e seu movimento na sociedade.

É esse sentido relacional que pretendi arraigar a noção de identidade; percebê-la na conexão com as relações sociais. A partir da vinheta construída de uma fala coletada em um espaço hospitalar multilíngue e pluricultural almejei destacar que se as preferências alimentares são definidas culturalmente, isto é, falam sobre nós e sobre nossos lugares no mundo, possibilitam construir a pessoa que o ingere, que se busca construir no ato de comer.

Com isso, permito-me terminar acrescentando mais uma citação de Woodward (2009, p. 43)

A análise das práticas de alimentação e dos rituais associados com o consumo de alimentos sugere que, ao menos em alguma medida, “nós somos o que comemos”. Na verdade, se considerarmos as coisas que, por uma razão ou outra, nós *não* comemos, talvez a afirmação mais exata seja a de que “nós somos o que não comemos”.

## Referências

BERNARDES, Jeferson de Souza. Pluriculturalismo e Globalização: o que a ciência tem a ver com isso? In: JUNIOR, José Maria Sampaio Menezes. PORTELLA, Roberto Bagattini. HAMILTON, Santiago (Orgs.) **Pluralismo y globalización – producción del conocimiento para construcción de la ciudadanía en Latinoamérica**. Atlas del IX Seminario de la Asociación de Investigadores y Estudiantes Brasileños en Cataluña (APEC), Barcelona, Espanha, 2004.

COX, Maria Inês Pagliarini. ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções lingüístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: CAVALCANTI, Stella. BORTONI-RICARDO, Maris (Orgs) **Transculturalidade, Linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.



CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de: Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. A construção do sujeito nas narrativas orais. **Clio Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n. 25-2, p. 92-112, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Modernidad e identidade del yo**. Tradução de: José Luiz G. Aristu. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **The question of cultural identity**. Polity Press/Open University Press, 1992.

HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro de Sales. FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Moderna, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.) **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Tradução de: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

---

<sup>i</sup> Disponível em <http://diariodocongresso.com.br/novo/2011/05/numeros-do-ibge-revelam-novo-perfil-dos-roraimenses> - acesso em 15/07/2011.

<sup>ii</sup> Processo de internalização e externalização no sujeito constitui a descrição sociológica das relações e está compreendido na Teoria da Socialização. (HALL, 2006, p. 31).

<sup>iii</sup> A noção de “fronteira do humano” é proposta por José de Souza Martins para revelar “que a fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização [...], fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteiras de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E sobretudo, fronteira do humano”. Cf. José de Souza Martins, *Fronteira a degradação do Outro nos confins do humano*, São Paulo: Contexto, 2009, p. 11.



---

<sup>iv</sup> Disponível em [www.folhabv.com.br](http://www.folhabv.com.br) – acesso em 18/06/2010.

<sup>v</sup> População indígena que ocupa a região de serras mais a leste de Roraima. Atualmente, os Wapichana são uma população total de cerca de 13 mil pessoas, habitando o interflúvio dos rios Branco e Rupununi, na fronteira entre o Brasil e a Guiana, e constituem a maior população de falantes de Aruak no norte-amazônico. Disponível em <http://www.cir.org.br/portal/> - acesso em 15/07/2011.

<sup>vi</sup> Os Waimiri Atroari ficam localizados na Amazônia brasileira, entre o norte do estado do Amazonas e sul do estado de Roraima. Habitam a região situada à margem esquerda do baixo rio Negro, nas bacias dos rios Jauaperi e Camanaú e seus afluentes os rios Alalaú, Curiaú, Pardo e Santo Antonio do Abonari. A língua Waimiri Atroari pertence a família linguística karib. Disponível em <http://www.cir.org.br/portal/> - acesso em 15/07/2011.

<sup>vii</sup> Termo usado na região para designar aldeia.